

Entre segredos e miados

Barbara Castanha de Almeida¹

Oi, meu nome é Luna e nasci no dia 15 de outubro de 2019, e essa história não é sobre mim. Claro que minha vida é super interessante, aposto que adorariam ouvir sobre minhas aventuras em busca de lagartixas, minhas sonecas de 18 horas e o drama de ter os pelos escovados de 15 em 15 dias, porém, hoje vou contar a história da minha dona...

Ouvi dizer que ela tem 21 anos, na idade de gatos ela teria aproximadamente 100 anos, mas a mãe dela insiste em dizer que ela é jovem. Ela nasceu no dia 12 de dezembro, e desde que estou aqui toda vez essa data é comemorada (como se fosse bom estar mais perto da morte). A mãe dela sempre fala: “você foi um milagre” isso porque ela teve uma doença chamada meningite quando bebê e os médicos disseram que se caso sobrevivesse- o que seria raro, teria algum tipo de seqüela, e... bom, isso não aconteceu.

Quando sozinha, ela às vezes fala comigo- sim, um gato... ela sabe que eu não vou responder mas encontra algum tipo de conforto em soltar os pensamentos por aí, ouvi dizer que antes de mim até às paredes já foram vítimas. Durante esses momentos ela me disse que a infância dela foi a mais criativa possível, isso porque ela amava brincar, e era incentivada de todas as formas, com presentes em formas de bonecas barbies, que eram sua maior paixão e o mais importante: atenção, sempre foi incentivada pela sua mãe a continuar no mundo das fadas e princesas. Mas ela saía do mundo das fadas e quando acontecia, compartilhava os mais lindos cenários e mundos com seus primos, que eram e são até hoje uma de suas melhores companhias. Seus pais se separaram quando tinha 6 anos e desde então entendeu o que eram começos e fins e como eles podem ser dolorosos...

Chegando ao fundamental começou a ver que tinha problemas para conversar e que não era tão simples assim fazer amigos, foi quando vivenciou sua primeira crise de ansiedade, viu suas pernas tremerem, mãos suarem e a sensação que o mundo iria acabar ali mesmo, no 7ºB de uma escola sem prestígio. Mas, não acabou, e a vida seguiu, no ano de 2015 mudou de escola, para seu

¹ 201812@sou.fapcom.edu.br / curso: Jornalismo

alívio, já que na escola anterior passou por experiências que preferiu esconder na caixinha de traumas que não quer lidar. Era uma escola pública, e até então nunca tinha ido para uma, sua mãe sofreu muito em levá-la para lá, mas seu tio era professor lá, o que tranquilizou seu coração materno. Foi lá onde sentiu amor pela primeira vez por alguém que não era da sua família, eram por seus amigos, ouviu uma garota meio emo e com camiseta de anime falar sobre kpop e sentiu uma coragem que nunca sentiu antes e perguntou: Peraí, você gosta de kpop? e desde então viu que a vida ganhou cor, amava seus amigos mais do que tudo, graças a essa simples pergunta, conheceu alguém que a fez mudar sua visão sobre quase tudo, a conexão com esse menino que na época era fã de Demi Lovato e Justin Bieber foi tão grande que na primeira saída após a escola já contou sua vida inteira para ele, e desde então nunca mais parou de contar.

Seu ensino médio foi o momento em que pode explorar o que nunca foi: extrovertida e aventureira, fez coisas que não acha que condizem com quem ela é, mas sabe que foi uma passagem necessária para entender seus limites e vontades. Sabia que queria fazer cinema, essa era uma certeza desde que se perdia no mundo do Tim Burton, ou quando tinha 13 anos e que decidiu que só veria filmes clássicos, porém, como a vivência em morar no Capão Redondo não era promissora no quesito seguir sonhos vistos como impossíveis se encontrou no jornalismo, ela sempre escreveu muito e sempre sentiu conforto nisso, sendo assim uniu o melhor dos dois mundos: escrever sobre cinema; e foi assim que começou a graduação: trotes, aulas sobre o que gostava, fotojornalismo e então chegou ela... a pandemia.

Os dias em casa foram um misto de alívio por não ter que interagir com mais ninguém com desespero de ficar tanto tempo com sua própria companhia, tinha recém feito 18 anos o que deu a oportunidade de poder ouvir música e beber com sua mãe, o que pode parecer bobo, mas para ela foi a experiência que sempre sonhou, sentiu como se fossem duas personagens de sexy in the city conversando sobre tudo. As aulas foram seguindo o modelo online e ela se sentiu um grande fracasso por não conseguir se sentir empolgada com o que quis por tanto tempo, em 2022 as aulas começaram de forma presencial, sentiu um misto de alegria com desespero, lembro que nessa época ela me falava: Não quero sair, prefiro ficar aqui com você e com o simba (sim, simba, o outro gato dela ou como ela gosta de falar “meu irmão”, mas não quero falar dele, já tenho que

conviver com ele me irritando e querendo roubar minha comida); E aconteceu, os dias se passaram, os trajetos de metrô foram feitos e assim seguiu a faculdade, depois de um tempo conseguiu se encontrar em um grupo de pessoas que no momento estavam tão perdidas quanto ela, e assim formaram um grupo cheio de fofocas acadêmicas e sobre a vida pessoal, mas também de apoio.

Faz cinco anos que convivo com minha dona, e fazem cinco anos que a vejo chorar por comédias românticas, doramas com finais tristes e falar em alto e bom som para mim: Luna, nunca vou encontrar algo desse tipo, tenho certeza que nunca vou amar alguém. E aconteceu, como sempre ela nunca espera as coisas boas que a vida tem para oferecer, em pouco mais de dois meses juntos viu nele algo que só tinha sentido com seus amigos: a plena certeza de que poderia ser ela mesma, com todos os defeitos, carências e inseguranças, sabia que mesmo não entendendo o que acontecia na hora ele iria procurar entender, porque desde a primeira vez que ouviu a fatídica frase “eu te amo” nunca duvidou disso. Eu estava aqui quando ela disse “Mãe, então ele me pediu em namoro”, são sete meses desde esse dia, e fazem sete meses que ouço um “oi gatinha” todo fim de semana, confesso que no começo tive ciúmes, “como assim minha dona vai amar alguém além de mim”, hoje em dia eu gosto dele, posso me fazer de difícil, mas sempre estou apta para receber um carinho.

Como eu sempre falo pra ela; tudo passa e a vida é melhor do que você imagina, acho que ela nunca entendeu meus miados então nunca entendeu isso de verdade. Bom, tenho que ir, já está chegando a hora de miar pelo meu sachê de salmão.